



COLEÇÃO
MULHERES RURAIS
NO BRASIL

Mulheres na produção orgânica do algodão no Semiárido Brasileiro

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Algodão
Ministério da Agricultura e Pecuária*

Mulheres na produção orgânica do algodão no Semiárido Brasileiro

Maria Amália da Silva Marques
Marenilson Batista da Silva
Nair Helena Castro Arriel

*Embrapa
Brasília, DF
2023*

Embrapa Algodão

Rua Oswaldo Cruz, nº 1.143, Bairro Centenário

CEP 58428-095 Campina Grande, PB

Fone: (83) 3182-4300

www.embrapa.br

www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo

Embrapa Algodão

Comitê Local de Publicações

Presidente

Daniel da Silva Ferreira

Secretária-executiva

Magna Maria Macedo Nunes Costa

Membros

Francisco José Correia Farias

Geraldo Fernandes de Sousa Filho

Luiz Paulo de Carvalho

Nair Helena Castro Arriel

Rita de Cássia Cunha Saboya

Editoras Técnicas da coleção

Cristina Arzabe

Roselis Simonetti

Responsável pela edição

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Coordenação editorial

Daniel Nascimento Medeiros

Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial

Josmária Madalena Lopes

Revisão de texto

Jane Baptistone de Araújo

Normalização bibliográfica

Márcia Maria Pereira de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Capa

Gabriela A. Lehmkuhl

1ª edição

1ª impressão (2023): 500 exemplares

Publicação digital (2023): PDF

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Marques, Maria Amália da Silva.

Mulheres na produção orgânica de algodão no Semiárido brasileiro / Maria Amália da Silva Marques, Marenilson Batista da Silva, Nair Helena Castro Arriel. – Brasília, DF : Embrapa, 2023.

28 p. : il. color. ; 16 cm x 22 cm. – (Coleção mulheres rurais no Brasil)

ISBN 978-65-5467-017-3

1. Mercado de trabalho. 2. Igualdade de gênero. 3. Sociologia rural. 4. Trabalhador rural. I. Coleção II. Embrapa Algodão

CDD 331.4

Márcia Maria Pereira de Souza (CRB-1/1441)

© 2023 Embrapa

Autores

Maria Amália da Silva Marques

Engenheira-agrônoma, mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, consultora técnica autônoma para Sistemas de Produção Orgânicos e Agroecológicos, Remígio, PB

Marenilson Batista da Silva

Engenheiro-agrônomo, mestre em Fitotecnia, pesquisador da Embrapa Algodão, Campina Grande, PB

Nair Helena Castro Arriel

Engenheira-agrônoma, doutora em Produção Vegetal, pesquisadora da Embrapa Algodão, Campina Grande, PB

Apresentação

Da produção à comercialização, as mulheres sempre ajudaram a pavimentar o caminho da agricultura no País, tanto para um extrativismo sustentável, como para uma agricultura produtiva. No entanto, apesar da multiplicidade de papéis que desempenham e das responsabilidades que assumem, sua participação sempre foi marcada pela invisibilidade.

Esta Coleção Mulheres Rurais no Brasil, escrita por muitas mãos, traz luz a esta questão, contextualizando a participação das mulheres na agricultura, como extrativistas, trabalhadoras e dirigentes de estabelecimentos rurais nas diferentes regiões do País, e mostrando seu envolvimento nas diferentes etapas do processo de produção, desde a primária até a de agregação de valor, assim como na representação e liderança de organizações do setor. Destaca os desafios enfrentados por elas na sucessão das propriedades e no desempenho de atividades que eram consideradas masculinas pelo senso comum. Demonstra a importância das tecnologias para otimizar a execução das tarefas, trazendo facilidade e conforto na realização das tarefas exaustivas, que necessitam esforço físico; para poupar tempo, recurso escasso para quem desempenha múltiplas tarefas, e também para assegurar a qualidade e agregar valor à produção. E, apresenta, ainda, o envolvimento das mulheres na geração e difusão dessas tecnolo-

gias. Todos esses temas são evidenciados por casos reais de produtoras que atuam nessas atividades, e, assim, inspiram e enriquecem o debate acerca do valor do trabalho feminino para agricultura.

Para compor este trabalho e agregar o mosaico de assuntos, foram envolvidas diferentes Unidades da Embrapa, o que demonstra a importância e a amplitude do tema nas principais cadeias extrativistas e produtivas. É um primeiro passo para a internalização do assunto na Embrapa, de forma a orientar o delineamento das pesquisas, o desenvolvimento de tecnologias e a avaliação dos seus impactos na sociedade.

Silvia Maria Fonseca Silveira Massruhá

Presidenta da Embrapa

Prefácio

As mulheres rurais são verdadeiramente as guardiãs dos sistemas agroalimentares e do desenvolvimento sustentável do campo, das águas e das florestas. Desempenham papel fundamental no sistema agroalimentar, uma vez que contribuem diretamente para a erradicação da fome, a redução da pobreza e a adaptação às mudanças climáticas. Elas exercem também importante papel na preservação da biodiversidade e garantem a soberania e a segurança alimentar e nutricional, ao se dedicarem à produção de alimentos saudáveis e nutritivos.

O sistema agroalimentar é entendido como um processo complexo que envolve várias etapas, como: o acesso à terra, à água e aos meios de produção; as formas de processamento, abastecimento, comercialização e distribuição de alimentos; a escolha, o preparo e o consumo dos alimentos, incluindo as práticas alimentares individuais e coletivas; e, por fim, a geração e destinação de resíduos. Esse sistema reúne diversos elementos e ações que consideram também os resultados dessas atividades, sejam eles de dimensão socioeconômica, sejam de dimensão ambiental.

Na região da América Latina e do Caribe, 58 milhões de mulheres vivem em áreas rurais. No Brasil, segundo o Censo Agropecuário de 2017, 947 mil mulheres são diretamente responsáveis pela gestão de propriedades rurais e

outras 817 mil participam da gestão compartilhada, representando 1,7 milhão de mulheres na direção e codireção de estabelecimentos agropecuários. Em relação àquelas diretamente responsáveis pela gestão dos estabelecimentos rurais, a maioria está na região Nordeste (57%), seguida por Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste, que concentra 6%.

Embora se saiba a importância das mulheres rurais nesse âmbito e as atividades que desempenham, elas ainda vivem em situação de desigualdade social, política e econômica. Têm as maiores taxas de pobreza, enfrentam dificuldades ao acessar serviços de saúde e sofrem diversas situações de violência e de insegurança alimentar e nutricional. Além disso, elas têm menos acesso a recursos produtivos, como terra, crédito e capacitação.

Visando contribuir para a mudança desse cenário, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) reconhece que alcançar a igualdade de gênero é fundamental para o cumprimento de seu mandato de um mundo livre da fome, da desnutrição e da pobreza. E ainda constata que as desigualdades persistentes entre mulheres e homens são um grande obstáculo à prática da agricultura e ao desenvolvimento rural. É fundamental a eliminação dessas disparidades, para a construção de sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos e de sociedades resilientes e pacíficas¹.

¹ Disponível em: <http://www.fao.org/3/cb1583en/cb1583en.pdf>.

Promover a igualdade entre mulheres e homens fortalece iniciativas e ações que geram o acesso igualitário à informação, à capacitação e às oportunidades. A igualdade de gênero requer condições semelhantes entre mulheres e homens no processo de tomada de decisões; no exercício dos direitos humanos; no acesso a recursos e benefícios de desenvolvimento, bem como na administração das propriedades e nas oportunidades no local de trabalho, e também em todos os aspectos relacionados aos meios de subsistência. Ademais, é importante promover a igualdade de gênero de uma perspectiva interseccional, reconhecendo que as mulheres rurais são afetadas por diversas formas de discriminação, como a discriminação de gênero, raça e etnia.

Nesse contexto, a Coleção Mulheres Rurais do Brasil representa uma etapa inovadora, pois traz uma abordagem que leva em consideração as diferentes experiências e necessidades das mulheres rurais em suas diversas realidades. Trata-se de importante contribuição da Embrapa e do Brasil para o alcance das metas propostas pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), das quais 30 estão relacionadas à igualdade de gênero, bem como para o cumprimento das metas estabelecidas para a Década da Agricultura Familiar (2019-2028).

Úrsula Andressa Morais Zacarias
Ponto Focal de Gênero da FAO no Brasil

Sumário

- 13 Introdução
- 15 Contextualização
- 20 Participação das mulheres
- 21 Particularidades
- 24 Perspectivas futuras
- 24 Potencialidades, fragilidades e recomendações
- 26 Considerações finais
- 28 Referências
- 28 Literatura recomendada

Introdução

As mulheres estão presentes nas atividades da produção familiar e se responsabilizam direta e indiretamente pela execução de diferentes ações no campo. Entretanto, essa participação foi invisibilizada por muito tempo, apesar de as mulheres, no decorrer da história, terem lutado de forma firme para construir e conquistar seu espaço, exercerem diversas funções e se fortalecerem mutuamente.

A produção de algodão orgânico (*Gossypium hirsutum* L.) no Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio, PB, iniciada no ano de 2004, foi uma das ações que promoveram o processo de participação e de fortalecimento das mulheres localmente, aumentando no decorrer dos anos. Dentro dessa perspectiva, os campos experimentais, as pesquisas participativas, os dias de campo, os intercâmbios e as parcerias formadas com a Embrapa Algodão, por meio de projetos envolvendo o sistema de produção agroecológico do algodoeiro para o estado da Paraíba, contribuíram para a visibilidade do trabalho e a importância da participação das mulheres nos sistemas de produção de algodão orgânico em consórcios agroalimentares.

No ano de 2019, a Embrapa Algodão iniciou um trabalho com o Coletivo Feminino do Assentamento Queimadas. A Unidade instalou experimentos com o cultivo do algodão orgânico e consórcios agroalimentares, utilizando

a metodologia da Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP).

O Coletivo Feminino é um espaço de produção orgânica, gerido por mulheres, cujo intuito é incentivar a produção orgânica, fortalecer as relações sociais, a organização social e econômica, além de ser um espaço de formação e aprendizado do grupo de mulheres do Assentamento Queimadas.

A UAP é uma metodologia de formação teórico-prática desenvolvida pela Embrapa Algodão com a finalidade de aprimorar e construir conhecimentos no sistema de produção de algodão em consórcios agroalimentares. Trata-se de um espaço de interação – intercâmbio de experiências, diálogo de saberes e experimentações –, onde se desenvolvem práticas de construção de conhecimento social com o objetivo de induzir o desenvolvimento de estratégias produtivas adaptadas às condições da realidade dos produtores agroecológicos. A UAP é uma ferramenta estratégica na construção participativa do conhecimento e do compartilhamento da responsabilidade em disseminar esse conhecimento entre os atores envolvidos direta ou indiretamente no processo metodológico. As formações modulares e a realização das pesquisas participativas acontecem na UAP (Arriel et al., 2022), cuja tecnologia começou a ser trabalhada no ano de 2018, sendo testada e aprimorada na região do Semiárido nordestino, nos estados da Paraíba, de Pernambuco, de Sergipe, de Alagoas, do Piauí e do Rio Grande do Norte.

Diante do exposto, este trabalho apresenta a maneira pela qual são desenvolvidas as atividades na UAP do Coletivo Feminino na produção de algodão orgânico e consórcios agroalimentares. Esta publicação é composta pela descrição das ações na UAP, apresentação de dados, registros fotográficos, particularidades, perspectivas de futuro, potencialidades, fragilidades, recomendações e considerações finais.

Contextualização

A maioria das mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio, PB, trabalhava com os homens nas unidades de produção de seus pais, irmãos ou companheiros. Dessa forma, elas não tinham liberdade para tomar decisões sobre as diferentes atividades desenvolvidas nos sistemas de produção.

Com a organização social do Coletivo Feminino, as mulheres começaram a tomar parte diretamente nas atividades de certificação orgânica desenvolvidas pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG), que é uma iniciativa da Rede Borborema de Agroecologia (RBA). Além disso, elas iniciaram atividades na Associação do assentamento, ocupando espaços de debate e tomadas de decisão, por exemplo, na Diretoria-Executiva da Associação, em comissões e em conselhos. Elas participaram ativamente de eventos como a Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela

Agroecologia e nas atividades da UAP, cuja metodologia foi desenvolvida pela Embrapa Algodão (Figura 1). Nas UAPs, são instalados experimentos e unidades de produção das famílias agricultoras, e são desenvolvidas ativida-

Foto: Marenilson Batista da Silva



Figura 1. Pesquisador da Embrapa Algodão orienta a respeito da instalação da Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) do Coletivo Feminino, em 2019.

des de formação que associam teoria e prática, levando em consideração a realidade local.

Em 2019, a Embrapa Algodão começou a desenvolver atividades junto com o Coletivo Feminino, por meio da instalação de experimentos para testar diferentes cultivares de algodão, utilizando a metodologia da UAP. Os experimentos tiveram como objetivo testar linhagens de algodão colorido para avaliação de produção e qualidade de fibra. Também serviram para compartilhar com as mulheres agricultoras a metodologia de pesquisa com algodão. As mulheres receberam orientações a respeito de linhagens de algodão, repetições nos experimentos, coloração das fibras, entre outros temas relevantes.

Em 2020, devido à pandemia provocada pela covid-19, não foi possível instalar a UAP, mas as mulheres mantiveram a produção no Coletivo Feminino. Em 2021, a UAP do Coletivo Feminino foi instalada numa parceria entre a Embrapa Algodão e as mulheres, mas, devido à escassez de chuvas, a maioria da produção foi perdida e os resultados dos experimentos ficaram comprometidos.

Em 2022, a UAP do Coletivo Feminino foi instalada e está sendo desenvolvido o algodão orgânico em consórcios agroalimentares com girassol (*Helianthus annuus* L.), soja (*Glycine max* L.), feijão de arranca (*Vigna unguiculata*) e milho (*Zea mays* L.) (Figura 2). Também estão sendo testadas cultivares e linhagens de algodão branco, a fim de avaliar a produtividade e a qualidade da fibra em um sistema de produção orgânico. Entre os tratamentos culturais, a apli-

cação de defensivo natural para controle de formiga foi realizada na UAP (Figura 3). Os plantios foram realizados no dia 30 de abril de 2022 e estão organizados em parcelas: parcela 1 – BRS 286; parcela 2 – CNPA MT 2009-152; parcela 3 – BRS 293; parcela 4 – CNPA BA 2011-4970 FL; e parcela 5 – BRS 416.

Foto: Marenilson Batista da Silva



Figura 2. Mulheres agricultoras na parcela de algodão consorciado com girassol e feijão na Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) do Coletivo Feminino.

Mulheres na produção orgânica de algodão no Semiárido Brasileiro

Foto: Marenilson Batista da Silva



Figura 3. Aplicação de defensivo natural para controle de formiga na Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) do Coletivo Feminino.

As diferentes ações citadas vêm fortalecendo a participação das mulheres, tanto individual quanto coletivamente, na produção de algodão orgânico e nos consórcios agroalimentares, pois as incentivam a ter sua própria unidade de produção, dando-as perspectiva de adquirir autonomia nos sistemas de produção.

Atualmente, o SPG Rede Borborema de Agroecologia tem um total de 61 registros no Cadastro Nacional de Produção Orgânica (CNPO) (Brasil, 2022). A participação das mulheres representa um percentual de 50,31%, ou seja, 31 desses registros são das mulheres agricultoras da RBA.

Participação das mulheres

A participação das mulheres ocorre de diferentes formas. Elas administram e desenvolvem as atividades nas unidades, coordenam os grupos de produção, ocupam cargos nos espaços de gestão e tomada de decisão, além de organizar

Fotos: Marenilson Batista da Silva



Figura 4. Apresentação da Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) do Coletivo Feminino para estudantes e professores do curso Agroecologia da Escola Cidadã de Ensino Integral José Bronzeado Sobrinho (A) e da Universidade Estadual da Paraíba (B).

eventos como intercâmbios, dias de campo, feiras e exposições dos produtos orgânicos e agroecológicos (Figura 4).

A participação das mulheres produtoras de algodão orgânico também acontece no acesso aos diferentes mercados, entre os quais o de comercialização da pluma e os mercados institucionais: Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A comercialização da produção da UAP destina-se a investimentos no Coletivo Feminino.

Além disso, no Assentamento Queimadas, existe o Grupo Mulheres de Queimadas, que fornece produtos para merenda escolar do município de Remígio. Muitas dessas mulheres participam da UAP do Coletivo Feminino.

Particularidades

O Coletivo Feminino caracteriza-se também por ser um espaço de formação para e com as mulheres, por isso, a cada ano, pode ocorrer rotatividade de participação (Figura 5). Atualmente, é formado por 12 mulheres.

Algumas práticas de manejo são realizadas com o uso de máquinas e equipamentos, como a aração do solo, que é feita com trator. Já o risco para linhas de plantio e a primeira limpa são realizados com boi e cultivador. Entretanto, a maioria das práticas de manejo ainda é realizada ma-

Foto: Marenilson Batista da Silva



Figura 5. Mulheres do Coletivo Feminino.

nualmente, utilizando a força braçal, o que desestimula as mulheres a terem a sua própria unidade de produção.

Para desenvolver as práticas de manejo, as mulheres se encontram uma ou duas vezes por semana na UAP

Foto: Marenilson Batista da Silva



Figura 6. Planejamento (A) e condução (B) dos experimentos da Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) do Coletivo Feminino.

(Figura 6), no entanto a frequência de encontros pode ser aumentada, caso seja necessário. Os encontros também acontecem com a participação da Embrapa Algodão.

Toda a produção orgânica é certificada pelo SPG Rede Borborema de Agroecologia. O processo de certificação



Foto: Suzana Aguiar

Figura 7. Agricultora do Coletivo Feminino apresenta a Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP) durante a auditoria do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) para certificação orgânica.

do Coletivo Feminino referente ao ano de 2022 já foi concluído e aprovado, e a sua UAP é uma das áreas escolhidas para receber auditoria do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) (Figura 7).

Perspectivas futuras

A experiência da UAP do Coletivo Feminino estimula e amplia a participação das mulheres na produção orgânica, por isso é importante incentivar a criação desses coletivos em todos os grupos de produção vinculados ao SPG Rede Borborema de Agroecologia, a fim de promover ações coletivas e fortalecer a produção do algodão orgânico em consórcios agroalimentares entre as mulheres.

Manter o aprimoramento dos sistemas orgânicos de produção a partir das UAPs instaladas nos grupos de produção possibilita também a participação das mulheres em projetos de pesquisa e extensão voltados para a produção orgânica.

Potencialidades, fragilidades e recomendações

Os trabalhos desenvolvidos nas unidades de produção, tais como limpas ou capinas, plantios e colheitas, são realizados manualmente, exigindo força braçal e dedicação de tempo para que possam ser executados no campo. Não é raro ocorrerem alguns problemas durante a safra, como

a perda de janelas de plantios, o que influencia significativamente os resultados da produção, sobretudo para as mulheres que trabalham no Semiárido com agricultura de sequeiro e dependem das águas das chuvas para produzir.

A colheita dos produtos é realizada manualmente e leva bastante tempo para ser desenvolvida. Um exemplo bem comum é a colheita do algodão orgânico. Para colher 1 ha desse produto, geralmente são necessários mais de 10 dias. Essa situação muitas vezes leva as agricultoras a passarem do ponto de colheita da pluma, o que prejudica a qualidade e aumenta os custos de produção.

Para amenizar o trabalho braçal e reduzir o tempo de realização das atividades no campo bem como as despesas com os custos de produção, as mulheres podem utilizar a metodologia de trabalho da UAP do Coletivo Feminino, mobilizando e promovendo o desenvolvimento de mutirões itinerantes entre as unidades de produção com a finalidade de planejar trocas de mão de obra.

A produção e os experimentos da UAP do Coletivo Feminino são desenvolvidos em sistemas orgânicos, que agregam valor e possibilitam o acesso a mercados específicos. Os produtos orgânicos advindos desses siste-



Figura 8. Selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg) para Sistema Participativo de Garantia (SPG).

mas são identificados por meio do selo orgânico do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg) para SPG. As agricultoras usam o selo (Figura 8) nos seus produtos e embalagens.

Outra forma de identificação dos produtos orgânicos é por meio do CNPO ou Certificado de Conformidade Orgânica emitido pela RBA. Nesses documentos, há os registros da produção orgânica do Coletivo Feminino.

Considerações finais

As ações realizadas com o Coletivo Feminino por meio da metodologia da UAP facilitam o processo de construção do conhecimento agroecológico com as mulheres, pois todo o trabalho sobre o sistema de produção orgânica – o preparo do solo, a escolha das sementes, a organização dos consórcios agroalimentares, o manejo e o controle de insetos e pragas, a colheita, a organização social, entre outras atividades – é debatido, construído e praticado junto com todas as mulheres na área de produção.

Outra consideração importante é que os trabalhos realizados têm estimulado mais mulheres a participarem das atividades coletivas, promovendo seu empoderamento quanto às ações de produção e comercialização. Os encontros, a execução de atividades, os resultados e as visitas de campo são fatores que mobilizam a participação.

Na área coletiva, que tem um papel lúdico ao articular encontro entre as mulheres, ocorrem conversas e trocas de conhecimentos sobre diversos assuntos do cotidiano. Nesse espaço, elas debatem sobre assuntos e situações que não são livremente discutidos no ambiente familiar.

Por fim, enfatizamos que as atividades e as ações desenvolvidas na UAP do Coletivo Feminino colaboram diretamente para o cumprimento de três Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas, os quais são elencados a seguir: ODS 2 – Fome Zero; ODS 5 – Igualdade de Gênero; e ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis.

Os sistemas orgânicos de sequeiro garantem a produção e o consumo sustentáveis, pois respeitam as condições climáticas locais, são livres de agrotóxicos e transgênicos e fazem uso de biofertilizantes e defensivos naturais. Além disso, o plantio de alimentos e fibras é organizado por meio de consórcios agroalimentares.

A produção orgânica também tem como função o combate à fome, pois os alimentos se destinam prioritariamente às famílias agricultoras, promovendo a segurança alimentar e nutricional das famílias envolvidas nas atividades.

Por fim, a igualdade de gênero vem sendo fortalecida com a participação das mulheres em todo o processo de produção, desde o preparo do solo até o consumo e comercialização.

Referências

ARRIEL, N. H. C.; SILVA, M. B. da; MARQUES, M. A. da S. Sistematização da unidade de aprendizagem e pesquisa participativa: aprimoramento do sistema de produção do algodão agroecológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO ALGODÃO, 13., 2022, Salvador. **Algodão brasileiro: desafios e perspectivas no novo cenário mundial: livro de resumos**. Patos de Minas: Abrapa; Brasília, DF: Embrapa, 2022. p. 198. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/doc/1145831/1/LIVRO-DE-RESUMOS-13-CONGRESSO-BRASILEIRO-ALGODAO.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO)**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em: 1 ago. 2022.

Literatura recomendada

Segundo diálogo Brasil – Europa: sociedade civil e o financiamento para o desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br>. Acesso: 10 nov. 2022.

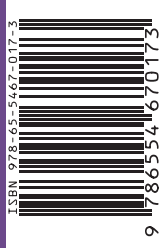
MARQUES, M. A. da S. **Autonomia ou Submissão? Uma análise sobre os mecanismos de certificação orgânica adotados pelos agricultores familiares do Estado da Paraíba**. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.



Embrapa

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA E
PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



CGPE 018331